

Mário Jorge Lima

Estava eu no meu escritório pensando no que poderia conversar com vocês dessa vez, quando resolvi entrar no Facebook enquanto a “inspiração” não vinha.

Deparei-me, então, com uma postagem feita pela filha de um de meus melhores amigos, João Leopoldo Bracco de Lima, recentemente falecido. Fiz questão de citar seu nome completo, como homenagem, pois o João foi um ser humano extraordinário. Sua filha Roberta, é mãe de uma criança que chamamos “especial”, tem Síndrome de Down.

Essa criança, o Gabrielzinho, com menos de dois anos, está já há uma semana na UTI de um hospital, com problemas sérios, causados por Acidose, e que ainda não foi vencida pelas medicações e tratamento. Seu caso vem inspirando muitos cuidados.

E essa mãe especial – sim, porque mãe e pai de crianças especiais são também especiais – está lutando com todas as suas forças para superar essa situação, lado a lado com seu filhinho, sofrendo, angustiando-se, chorando e alegrando-se em função do andamento da doença e dos resultados alcançados.

Na postagem ela conta que... aliás, vou colocar aqui nas próprias palavras emocionadas dela:

*“Os batimentos cardíacos dele (Gabrielzinho) foram para 220!!! Eu quase tive um treco! Mas, como sempre, criamos força sabe lá Deus de onde. A médica disse que ele precisava se acalmar, e em plena UTI lá fui eu pedir socorro à ‘Galinha Pintadinha’, e não é que a música ‘Mariana’ fez algo inacreditável! Em apenas alguns segundos, os 220 batimentos cardíacos caíram para 150!!! Nem as enfermeiras acreditaram!”*

Eu tenho uma filha adulta, chamada Mariana, que está longe, hoje é cidadã de outro país, e lembrei-me que, quando ela era criança, em muitas noites cantei essa música pra fazê-la dormir. A letra dizia: “*Mariana conta um, um conta Mariana, é um é Ana, viva Mariana, viva Mariana*”. E ia cantando e contando até dez. Depois voltava e repetia, e repetia... Normalmente, quem dormia era eu.

Não preciso dizer que aquela postagem da Roberta me “derrubou”, não só pela lembrança da minha amada filha Mariana, mas por ver o que o amor e a fé de uma mãe desesperada podem conseguir. Peço respeitosa licença aos amigos que não creem nas coisas espirituais, e que certamente atribuirão esse fato a outras razões lógicas e explicáveis pela medicina, mas eu e a Roberta, que somos crédulos, sem nenhuma arrogância e até com humildade, nos permitimos entender que ali aconteceu um fato sobrenatural.

Seja por razões científicas, seja por fato sobrenatural, o que eu quero ressaltar nesse pequeno texto, é o amor e a entrega de uma mãe, que é a coisa mais palidamente parecida com o amor de Deus. O amor, esse sentimento universal, poderoso e transformador, é o melhor que podemos ter, manifestar e compartilhar, não apenas em relação à nossa família, mas também com amigos, conhecidos, desconhecidos, incluindo-se aí os infelizes, que sofrem e têm carências de todo tipo.

O amor cura, a fé também cura, e ambos trazem esperança. Não foi por outra razão que no mais belo texto bíblico sobre o amor, nascido da pena de Paulo de Tarso, seja dito que um dia “permanecerão a fé, a esperança e o amor, estes três; porém, o maior destes é o amor”.

